



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

MILLENE NUNES BARBOSA

**TEATRO DO OPRIMIDO COM CRIANÇAS
e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais**

Brasília, DF
2023

MILLENE NUNES BARBOSA

**TEATRO DO OPRIMIDO COM CRIANÇAS
e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de licenciado/a em Pedagogia.

Professora Orientadora: Prof. Dra.
Simone Aparecida Lisniowski

Brasília, DF
2023

**TEATRO DO OPRIMIDO COM CRIANÇAS
e o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília do(a) estudante

Millene Nunes Barbosa

Prof. Dra. Simone Aparecida Lisniowski
Professora-Orientadora

Prof. Dra. Maria Aparecida Camarano Prof. Dr. Paulo Sergio de Andrade Bareicha
Martins Professor-Examinador
Professor-Examinador

Brasília, 19 de 12 de 2023

“O teatro é, antes de mais nada, a arte de olhar para si mesmo.”

Augusto Boal

RESUMO

O Teatro do Oprimido é uma forma de expressão artística que potencializa a interação, a consciência de si e das relações socioafetivas, criando condições para a ampliação de habilidades socioemocionais. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar quais são as habilidades desenvolvidas durante a realização das oficinas e aplicação dos jogos com crianças entre 8 e 10 anos. O estudo utilizou as técnicas da pesquisa qualitativa, especialmente na observação e descrição dos jogos que foram realizados em uma Casa de Acolhimento no Distrito Federal entre março e novembro de 2023. Para análise dos dados foram selecionados aqueles encontros nos quais identificou-se uma maior relevância quanto às habilidades citadas na fundamentação teórica da pesquisa. Ao fim do estudo, concluiu-se que a prática da escuta ativa no contexto do Teatro do Oprimido e a aplicação dos jogos proporcionam um espaço seguro para que as crianças expressem emoções e desenvolvam habilidades sociais. Ademais, os jogos do Teatro do Oprimido foram eficazes na promoção de competências como empatia, trabalho em equipe e resolução de conflitos.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; casa de acolhimento; habilidades socioemocionais.

ABSTRACT

The Theater of the Oppressed is a form of artistic expression that enhances interaction, self-awareness, and socio-affective relationships, creating conditions for the expansion of socio-emotional skills. This study aimed to identify the skills developed during the workshops and application of the games with children between 8 and 10 years old. The study used qualitative research techniques, especially in the observation and description of games that were held in a Shelter home in the Federal District between March and November 2023. For data analysis, it was selected meetings in which a greater relevance was identified regarding the skills mentioned in the theoretical foundation of the research. At the end of the study, it was concluded that the practice of active listening in the context of the Theater of the Oppressed and the application of games provide a safe space for children to express emotions and develop social skills. Furthermore, the Theater of the Oppressed games were effective in promoting skills such as empathy, teamwork, and conflict resolution.

Keywords: Theater of the Oppressed; Shelter home; socio-emotional.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	08
Habilidades Socioemocionais no Teatro do Oprimido (revisão de literatura)	10
Objetivos Gerais	14
Objetivos específicos	14
Metodologia	15
Contexto da pesquisa: Casa de Acolhimento	16
Coleta de dados	16
Tratamento de dados	17
Análise de dados	17
Análise das oficinas realizadas com as crianças	18
Considerações finais	30
Referências Bibliográficas	31

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No decorrer da minha trajetória como multiplicadora do Teatro do Oprimido pude observar que as questões trazidas pelas crianças da Casa de Acolhimento se diferenciavam das experiências com outros grupos nas escolas do ensino fundamental com os quais apliquei os jogos do teatro do oprimido porque nas escolas as crianças se comportavam nas oficinas de forma mais tumultuada, falantes e era preciso ser mais diretivo quando aplicava os jogos. Já na Casa de Acolhimento, elas pareciam ser mais introvertidas e apáticas, pois nas atividades eram caladas, observavam mais do que interagiam e não demonstravam muito interesse em participar dos jogos. Ao longo das oficinas, a prática da escuta ativa, proporcionada pela metodologia do Teatro do Oprimido permitiu que essas crianças se expressassem por meio de atividades variadas, corporais, verbais, imaginativas, fazendo com a expressividade acontecesse com mais facilidade. Diante disso, vimos quais áreas de desenvolvimento mereciam maior atenção. Perceber isso me motivou a investigar de forma mais aprofundada quais habilidades sociais e emocionais estavam sendo mobilizadas durante as oficinas.

À medida que as crianças crescem, é fundamental que elas adquiram competências sociais e emocionais que as auxiliem no seu desenvolvimento pessoal e nas interações sociais. Nesse sentido, o teatro do oprimido é uma forma de expressão artística que potencializa a interação, a consciência de si e das relações sociais e afetivas, criando as condições para a ampliação dessas habilidades sociais e emocionais.

A Casa de Acolhimento presta serviços socioassistenciais a crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social. Ao longo do ano, ao registrar as observações das interações entre as crianças e a construção da relação com as multiplicadoras, pude identificar alguns aspectos a serem abordados durante os jogos, tais como: o trabalho em equipe, as situações opressivas, o espaço de escuta do outro e o estímulo à empatia, além de relatos de problemas do cotidiano. Todos esses elementos trabalhados desempenham um papel na dinâmica do grupo e na condução dos jogos, assim como no papel das multiplicadoras e no planejamento das oficinas. O planejamento acontece semanalmente, conforme os resultados, a dinâmica do grupo e os objetivos do teatro do oprimido.

O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro participativo e socialmente engajado que foi criado pelo dramaturgo e diretor brasileiro Augusto Boal na década de 1970. Sua principal proposta é envolver o público como um participante ativo na representação teatral, transformando-o de um simples espectador em um "espect-ator", alguém que também age e interage com o espetáculo. Essa abordagem teatral se baseia na ideia de que o teatro pode ser uma ferramenta poderosa para conscientização, diálogo e transformação social. O Teatro do Oprimido (TO) é frequentemente utilizado para abordar questões sociais, políticas e pessoais, especialmente aquelas relacionadas à opressão, desigualdade e injustiça.

O TO tem sido aplicado em contextos educacionais, comunitários, terapêuticos e de ativismo para promover a conscientização, a reflexão e a mudança social. Ele oferece uma maneira criativa e participativa de explorar problemas sociais, estimulando a empatia, a comunicação e a busca de soluções coletivas para desafios enfrentados pela sociedade.

As atividades e jogos do Teatro do Oprimido oferecem uma ampla gama de temas que podem ser explorados. Acredito que aplicar os jogos com as crianças é um importante instrumento de expressividade e reflexão. Esse trabalho de pesquisa pretende contribuir para o campo da pedagogia apresentando alguns resultados da aplicação dos jogos com crianças, uma vez que pode orientar estudantes de graduação, educadores e pedagogos no uso do TO como uma ferramenta educacional eficaz. Isso pode ser particularmente benéfico na abordagem de problemas e conflitos vivenciados em ambientes de ensino, como as salas de aula.

Ao entender como a participação em grupos de teatro do oprimido pode estimular o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais em crianças, podemos proporcionar conhecimentos sobre a aplicação dos jogos do teatro do oprimido com as crianças para outros educadores, psicólogos, pais e demais profissionais que trabalham com crianças. Além disso, essa pesquisa pode contribuir para a promoção de ambientes educacionais e culturais que valorizam a formação das crianças, abordando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também seu crescimento pessoal, emocional e social.

Vale ressaltar que o Teatro do Oprimido, concebido por Augusto Boal, inicialmente não foi pensado para ser aplicado com crianças, visto que não era seu público-alvo original. Apesar disso, após a morte de Boal, inúmeros trabalhos, oficinas e pesquisas continuaram sendo realizados, tanto no Brasil quanto em diversos países. Mesmo assim, as pesquisas relacionadas ao Teatro do Oprimido com crianças são poucas. Acredito que este estudo possa oferecer contribuições para outros multiplicadores do TO, fornecendo uma compreensão da

dinâmica de formação de grupos com crianças e dos impactos dos jogos nessa faixa etária, assim como das escolhas que realizamos na condução dos jogos.

Sendo assim, a justificativa para essa pesquisa está no impacto positivo que o teatro do oprimido pode ter no desenvolvimento das crianças e na necessidade de compreender melhor essa relação para melhor orientar a nossa prática com o teatro do oprimido no contexto da educação, especialmente com crianças que se encontram nas Casas de Acolhimento, e o apoio que podemos encontrar na aplicação dos jogos como estratégia para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, afetivas em crianças de 8 a 10 anos.

Portanto, o objetivo geral da pesquisa é investigar em quais momentos foi possível identificar a relação entre os jogos aplicados e as habilidades presentes para a realização do jogo. Os objetivos específicos foram: descrever as oficinas realizadas e o contexto da pesquisa; identificar as habilidades desenvolvidas nos jogos; categorizar os jogos de acordo com os aspectos que são mais estimulados.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NO TEATRO DO OPRIMIDO

Escolher o Teatro como uma abordagem lúdica na infância implica a crença de que as crianças aprendem por meio da imaginação e da imitação. É o reconhecimento das diversas formas de linguagem que podem ser incorporadas nesse contexto, como a escrita, as artes visuais, a expressão corporal e a linguagem verbal, entre outras que podem ser exploradas. Seguindo essa linha de pensamento, podemos adotar a definição de Teatro proposta por Japiassu (2001, p. 22):

“Importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especialidade estética, o teatro passou a ser conhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana”

O Teatro do Oprimido vai além de explorar diversas formas de expressão artística. Ele também aborda as dinâmicas da relação entre opressor e oprimido, bem como os temas relacionados a essa dinâmica. O Teatro do Oprimido é uma ferramenta de educação popular que consegue conectar questões do dia a dia, promovendo a reflexão sobre os problemas

existentes e as relações opressoras que permeiam a cultura do grupo envolvido na prática teatral (ANDRADE; ANDRADE; LEAL, 2019, p. 311).

Para Boal, o TO não é simplesmente um teatro para os oprimidos; é, na verdade, o teatro feito por eles mesmos. Portanto, proporciona às crianças a oportunidade de vivenciar e refletir sobre seus próprios conflitos e, em conjunto, pensar em soluções construídas de forma colaborativa (ANDRADE; ANDRADE; LEAL, 2019, p. 312).

Ainda segundo Andrade, Andrade, Leal (2019, p.306,307) a abordagem teatral se baseia na exploração de temas que giram em torno das representações de opressor e oprimido no ambiente educacional. Isso proporciona a oportunidade de trabalhar com as diversas emoções que surgem nesse contexto, além de oferecer novas percepções sobre como as crianças percebem aqueles que as deixam desconfortáveis ou inseguras. Essa técnica também permite que os próprios oprimidos se coloquem no lugar dos opressores, proporcionando uma compreensão mais profunda dos sentimentos envolvidos nesse cenário. Dessa forma, as crianças, muitas vezes inseridas em um ambiente educacional que segue um modelo tradicionalista e fundamentalista, são frequentemente vistas como oprimidas, enquanto os adultos, por vezes, adotam posturas opressoras.

Segundo Araújo (2018, p.61) o T.O. possui uma estreita afinidade com os princípios da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Consequentemente, seus objetivos se alinham de perto com a visão educacional defendida por Freire, que busca dar voz e vez aos oprimidos. No contexto desse teatro, as crianças assumem um papel protagonista, deixando de ser meros espectadores passivos. Além disso, o T.O. tem o propósito de abordar questões contemporâneas, preparando os indivíduos para desafios futuros. Ele não se concentra na análise do passado, mas sim na transformação das pessoas e na promoção da educação cidadã como o núcleo de sua proposta teatral.

Conforme apontado por Boal (1980), o teatro possui um potencial transformador tanto no âmbito social quanto educativo, visando à libertação. Isso nos leva a considerar a perspectiva das crianças, que muitas vezes se sentem oprimidas pelas regras e normas de um mundo que nem sempre compreendem, mas que são esperadas a seguir. Nesse contexto, uma educação que possibilite o questionamento destas regras, a experimentação de outras formas de organização e a reflexão sobre essas regras e contratos sociais, pode tanto tornar as relações sociais mais significativas em vez de opressivas, quanto possibilitar a reflexão sobre as opressões vividas de forma compartilhada, podendo oferecer uma experiência de liberdade para as crianças, e talvez com novas possibilidades de resposta a estas situações.

Boal também enfatiza que o T.O., ao buscar a transitividade, promove o diálogo, convidando o espectador a participar e responder às questões apresentadas. Ele se revela como uma poderosa ferramenta educativa que visa transformar através da criação, ensino e aprendizado. É por meio desses princípios que podemos relacionar o T.O. com o processo de educação emocional do indivíduo (BOAL, 1980).

Nesse sentido, o papel do oprimido no teatro durante as oficinas se assemelha à condição do estudante na sala de aula e no ambiente escolar em geral, a criança representa situações reais vividas. Um personagem oprimido traz para o grupo os problemas, anseios e desafios enfrentados no contexto educacional. Boal considera o teatro como uma ação na qual diferentes personagens interagem, expressam seus desejos e, dessa forma, estabelecem conflitos dramáticos (SISTO; DE CARVALHO, 2019, p.28, 29).

Refletindo sobre as características do teatro, fica evidente que ele lida diretamente com as emoções. Ao dramatizar conflitos do cotidiano, observamos as diversas emoções em ação e como elas se manifestam no comportamento das pessoas, bem como as possíveis estratégias para gerenciá-las. Isso permite que as crianças identifiquem as emoções dos outros que também vivenciam, ao mesmo tempo em que exploram maneiras de lidar com essas emoções. Contudo, segundo Mota (2021, p. 30,31),

“O desenvolvimento de habilidades socioemocionais pode ser facilitado pelo teatro através da promoção do fortalecimento da inteligência interpessoal e intrapessoal, que é fundamental para a pessoa viver em sociedade e construir um vínculo saudável com ele próprio e com os outros. A partir do momento em que o profissional reconheça as emoções dos alunos, seja sua alegria, tristeza, medo, raiva ou vergonha, vai criar um canal acessibilidade perfeitamente interativo.”

No contexto do TO, é crucial o papel desempenhado pelas habilidades socioemocionais, pois elas tem como objetivo explorar questões sociais, promover a conscientização e a mudança social, além de dar voz aos oprimidos. Nesse contexto, Silva (2021, p. 21) diz:

“A aprendizagem socioemocional pode dividir-se em cinco aspectos centrais: autoconhecimento, consciência social, tomada de decisão responsável, habilidade de relacionamento e autocontrole ou autogestão. (...)”

essas habilidades referem-se a comportamentos, pensamentos e sentimentos (...)”.

A empatia é uma das habilidades mais essenciais no Teatro do Oprimido. Boal acreditava que para compreender as questões sociais e se envolver efetivamente na transformação, os participantes precisavam ser capazes de se colocar no lugar dos oprimidos. A empatia permite que atores e espectadores se conectem emocionalmente com as experiências retratadas nas cenas, o que é fundamental para compreender a perspectiva daqueles que sofrem. Além disso, a empatia cria um ambiente de respeito e solidariedade, um traço distintivo do Teatro do Oprimido (MANSOURI, 2023, p. 13,14).

A comunicação eficaz é outra habilidade-chave na realização dos jogos. O Teatro do Oprimido envolve a expressão de ideias, sentimentos e experiências de forma clara e respeitosa. A capacidade de se comunicar de maneira eficaz é fundamental para permitir que os participantes expressem suas perspectivas e compreendam as dos outros, promovendo o diálogo e a conscientização (SANCHES; DO BONFIM; REIS, 2023, p. 7).

Para Araújo (2018, p.111) a colaboração é uma parte integral do T.O., já que frequentemente os participantes trabalham em grupo para criar cenas que abordam questões sociais. A colaboração exige a capacidade de trabalhar harmoniosamente com os outros, respeitar as contribuições individuais e criar um ambiente de apoio no qual todos se sintam valorizados. Isso reflete o princípio de solidariedade no T.O., que destaca a importância de se unir para enfrentar desafios sociais.

Ainda segundo Araújo (2018, p.123) a resolução de conflitos é outra habilidade vital, uma vez que desentendimentos podem surgir à medida que os participantes exploram questões sensíveis e controversas. Assim como as habilidades de resolução de conflitos que são necessárias para garantir que as discussões sejam produtivas e respeitosas, mantendo o foco na conscientização e na busca de soluções. Essa habilidade é bastante complexa e envolve várias outras habilidades como a empatia, comunicação, escuta, contextualização, por isso, é relevante salientar que essa abordagem específica não se destina a crianças, uma vez que a natureza das atividades do T.O. pode ser intensa e requer um entendimento maduro das questões abordadas. Crianças, por sua vez, podem beneficiar-se de métodos pedagógicos mais adaptados às suas necessidades.

A escuta ativa desempenha um papel crucial para compreender as experiências e perspectivas dos outros. Isso envolve prestar atenção atentamente, fazer perguntas para esclarecer e demonstrar interesse genuíno nas histórias e experiências dos participantes

(SANCHES; DO BONFIM; REIS, 2023, p.11). Esta é outra habilidade que envolve uma complexa aprendizagem e que pode ser paulatinamente construída a partir de uma escuta ativa na aplicação dos jogos.

O Teatro do Oprimido também pode ser uma jornada de autodescoberta, na qual os participantes confrontam seus próprios preconceitos, privilégios e experiências. O desenvolvimento de habilidades de autoconhecimento é importante para uma participação eficaz, permitindo que os participantes reconheçam suas próprias posições e limitações (ANDRADE; ANDRADE; LEAL, 2019, p. 300, 301).

Finalmente, uma das habilidades presentes nos jogos do teatro do oprimido é a resiliência, pois é necessário abordar temas complexos e emocionalmente difíceis. No T.O. frequentemente são abordadas questões sociais que envolvem desafios emocionais e psicológicos. A capacidade de manter o engajamento, mesmo quando confrontados com situações difíceis, é crucial para o sucesso dessa abordagem (SANCHES; DO BONFIM; REIS, 2023, p.2)

Em resumo, as habilidades socioemocionais são desenvolvidas a partir dos jogos do teatro do oprimido. Inclusive, a medida que estas habilidades são desenvolvidas, potencializam o trabalho nos jogos, facilitam a compreensão, a colaboração, o diálogo e a conscientização sobre questões sociais. O desenvolvimento dessas habilidades é crucial para criar um ambiente de respeito, empatia e solidariedade e para promover a capacidade dos participantes de se envolverem efetivamente na busca de soluções para problemas sociais complexos. O Teatro do Oprimido é, portanto, uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento dessas habilidades e para a promoção da justiça social e da mudança.

OBJETIVO GERAL

- Analisar o papel dos jogos no contexto do desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em crianças, considerando sua aplicação como ferramentas de aprendizado e interação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar de que forma diferentes tipos de jogos podem estimular o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em crianças, destacando os jogos cooperativos.

- Identificar os fatores que podem influenciar as respostas das crianças às propostas dos jogos, considerando variáveis como personalidade, experiências passadas e motivação da sua participação no grupo.
- Analisar em que momento as crianças demonstram mudanças em sua atitude e comportamento durante as oficinas de jogos, relacionando essas mudanças às experiências vivenciadas durante as oficinas.
- Comparar a ocorrência de diferentes habilidades sociais e emocionais em diversos jogos, identificando quais jogos tendem a promover determinadas habilidades.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou as técnicas da pesquisa qualitativa, especialmente a observação e descrição dos jogos realizados. Esta pesquisa é resultado do trabalho do projeto de extensão “Seu jeito em Cena”, no qual aplicamos cerca de 31 jogos em 15 encontros. Alguns jogos foram aplicados mais de uma vez em dias diferentes durante os encontros porque as crianças solicitavam ou por fazer parte do planejamento das oficinas. Esta pesquisa qualitativa se caracteriza como uma pesquisa-intervenção pois os dados foram coletados a partir da aplicação dos jogos e observação da dinâmica do grupo durante as oficinas.

Segundo Sousa e Santos (2020, p. 1398) métodos de pesquisa qualitativa são usados nas áreas de ciências sociais e humanas, para compreender e explicar fenômenos sociais, comportamentais e culturais. Essa abordagem envolve a coleta e análise de dados não estruturados, divergindo assim da pesquisa quantitativa, centrada em dados numéricos e estatísticas. O objetivo da pesquisa qualitativa é adentrar nas camadas de profundidade e complexidade dos fenômenos investigados.

A abordagem qualitativa de pesquisa, conforme descrita por Gibbs (2009, p. 17, 18), abrange diversas formas de comunicação humana. Sua análise começa no campo, à medida que os dados são obtidos, tendo uma vasta quantidade de técnicas de análise para melhor atender todos os dados obtidos na pesquisa. Nesse contexto, para Gibbs (2009, p. 21)

“Na pesquisa qualitativa, há uma forte ênfase na exploração da natureza de um determinado fenômeno. A preocupação com o idiográfico costuma se manifestar no exame de estudo de caso, essa abordagem enfatiza não apenas a singularidade de cada caso mas também a natureza holística da realidade social. Ou seja, fatores e características só podem ser entendidos

adequadamente quando inseridos no contexto mais amplo ou de outros fatores e características”

O CONTEXTO DA PESQUISA: A CASA DE ACOLHIMENTO

Essa pesquisa foi realizada em uma Casa de Acolhimento que oferece serviços socioassistenciais a famílias, crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de idade em contexto de risco, vulnerabilidade social e com direitos violados, oferecendo serviços de assistência social, assistência médica, alimentação, moradia, além de cursos capacitantes para adolescentes entrarem no mercado de trabalho.

O atendimento na Instituição abrange aspectos psicopedagógicos, socioculturais e educativos. O objetivo é proporcionar um ambiente seguro e propício ao desenvolvimento das crianças e adolescentes atendidos.

A Casa de Acolhimento reside no Distrito Federal e seu atendimento é distribuído em 6 instituições distribuídas pelas Regiões Administrativas do DF. Ela conta com uma equipe de pedagogos, psicólogos, psicoterapeutas, assistente social, e outros profissionais que não apenas prezam pelo acolhimento, mas também pelo desenvolvimento educacional das crianças e adolescentes sob seus cuidados.

COLETA DE DADOS

O primeiro contato com a instituição se deu através de uma reunião realizada no dia 20/05/23. Estavam presentes a coordenadora e as bolsistas do projeto de extensão “Seu-Jeito em Cena: Oficinas do Teatro do Oprimido em escolas e outros espaços coletivos” , coordenada pela Professora Simone Lisniowski, realizadas por duas bolsistas de extensão. No início das atividades foi realizada uma reunião na Casa de Acolhimento com a professora, a diretora da casa, um psicopedagogo e um psicólogo. Nessa reunião foi apresentado a proposta do projeto e as possibilidades de temas que poderiam ser abordados nas oficinas, como preconceito, racismo, bullying dentre outros. A equipe da instituição apresentou as instalações, explicou o funcionamento do local e foram acordados os dias e horários para a aplicação dos jogos. Foram realizadas 15 oficinas com crianças de 8 a 10 anos de idade. Elas tiveram início no dia 26/05/23 e finalizaram dia 08/12/23.

A coleta de dados foi realizada a partir de um projeto de extensão. Ao atuar como bolsista no projeto, apliquei cerca de 31 jogos em 15 encontros. Em cada encontro eu e outra

bolsista descrevemos os jogos, a aplicação e avaliamos a atividade realizada. Esta descrição sistemática foi utilizada no momento da monografia para compreender como estes encontros podem ter contribuído no desenvolvimento de habilidades nas crianças participantes do projeto.

A questão do anonimato e o uso de nomes fictícios durante o estudo são aspectos cruciais devido à necessidade de proteger a identidade dos participantes envolvidos na pesquisa. O anonimato é uma salvaguarda ética fundamental que visa preservar a privacidade e a confidencialidade dos indivíduos que contribuem com informações para o estudo. Portanto, ao longo do trabalho, quando citamos o nome de alguma criança para diferenciar a participação delas nas oficinas estamos utilizando nomes fictícios.

TRATAMENTO DOS DADOS

A partir da descrição de dados, foram feitas várias leituras dessas descrições para encontrar pontos de mudança, similaridades e diferenças entre os encontros realizados, quais encontros foram mais significativos e buscar compreender as motivações individuais das crianças por alguns jogos. Selecionamos aquelas oficinas que melhor revelam a importância de realizar o teatro do oprimido em um grupo de crianças, seus desafios e potenciais no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados foi realizada com base na teoria sobre habilidade sociais e emocionais, buscando compreender a relação entre os objetivos do teatro do oprimido, das casas de acolhimento e do desenvolvimento de habilidades socioemocionais em crianças e adolescentes.

Para esta pesquisa, optei por escolher algumas oficinas que foram realizadas para analisar tanto a aplicação quanto o que foi observado no comportamento das crianças durante os jogos, a forma como as crianças interagiram, as recorrências de interações e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

De forma geral, podemos dizer que as oficinas proporcionaram uma rica experiência de desenvolvimento para as crianças. Durante os encontros, percebemos um notável avanço nas interações sociais e na colaboração em equipe. Inicialmente, algumas crianças mostravam timidez e hesitação, mas ao longo do tempo, tornaram-se mais expressivas, compartilhando

ideias, colaborando em jogos e resolvendo desafios coletivamente. O ambiente seguro das oficinas favoreceu para que as crianças se sentissem à vontade para se expressar, mesmo diante de desafios. Além disso, destacamos o progresso nas habilidades motoras e de concentração, impulsionado pelos jogos de ritmo. Esses avanços são reflexo da experiência enriquecedora proporcionada pelas oficinas.

No entanto, é importante destacar que alguns desafios interpessoais foram observados, como as brigas entre algumas crianças. Esses episódios, embora pontuais, ressaltam a complexidade das relações sociais e a necessidade de abordagens cuidadosas para promover a compreensão mútua e o desenvolvimento emocional.

Nesse sentido, as oficinas não só atingiram seus objetivos, mas também desempenharam um papel crucial no desenvolvimento socioemocional das crianças. O Teatro do Oprimido se destacou como uma ferramenta valiosa, promovendo a criatividade, expressão individual e reflexão crítica sobre questões sociais, honrando a singularidade de cada criança.

Para a apresentação da análise, optei por colocar a data, o jogo que foi aplicado, uma descrição da oficina e a reflexão sobre a condução da oficina e a interação entre as crianças.

ANÁLISE DAS OFICINAS REALIZADAS COM AS CRIANÇAS

Dia: 02/06/2023, segunda oficina.

Jogos: O espelho simples, 1, 2, 3 de Bradford, Círculo de Nós e Mosquito Africano.

Descrição: O terceiro jogo, Círculo de Nós, foi o que passamos maior tempo realizando, fizemos várias vezes porque percebemos que as crianças gostaram muito. Talvez esse tenha sido o jogo que mais estimulou o trabalho em equipe, uma vez que eles conseguiram interagir entre si pacificamente em busca de desfazer o nó. Ou seja, eles se empenharam bastante para desfazer, principalmente contando com a ajuda um dos outros, sem que houvesse conflitos.

Dentre todos os jogos que observamos, os jogos que envolvem trabalho em equipe, principalmente o círculo de nós, estão entre os favoritos das crianças. Eles se empenham e se envolvem bastante quando precisam trabalhar em equipe para solucionar algum problema.

Neste dia, quando foi aplicado o terceiro jogo (oficina do dia 02/06), "Círculo de Nós", percebemos que houve um maior tempo investido e maior receptividade das crianças. Podemos observar que este jogo estimulou significativamente o trabalho em equipe, proporcionando uma interação pacífica entre as crianças na busca por desfazer o nó. O envolvimento ativo das crianças, sem conflitos, ressalta a importância do trabalho conjunto,

como uma atividade na qual elas se engajam, podendo estimular uma experiência coletiva positiva. Esta experiência impacta nas relações fora do jogo, na abertura para uma relação mais colaborativa.

Segundo Araújo (2018, p.48) a ideia de "aprender a fazer" destaca o desenvolvimento de competências relacionadas à tomada de decisão e à transformação do mundo por meio de práticas que demandam ações individuais e colaborativas. Essa abordagem reflete a relevância de atividades que promovem não apenas habilidades individuais, mas também a capacidade de trabalhar em conjunto para enfrentar desafios.

A observação de que os jogos que envolvem trabalho em equipe são os favoritos das crianças sugere que essas atividades não apenas proporcionam entretenimento, mas também oferecem oportunidades valiosas para o desenvolvimento social e emocional. A ênfase no envolvimento e no empenho das crianças ao trabalhar em equipe destaca a importância dessas experiências para promover não apenas a resolução de problemas, mas também o fortalecimento das relações interpessoais e o aprendizado coletivo.

Outro aspecto que percebemos como um ponto muito positivo nesta oficina é que uma aluna, vamos chamá-la de Alice¹, se comportava de forma mais retraída e introvertida. Depois de alguns encontros ela começou a se expressar com mais frequência, sorrindo, falando, ficando animada com os jogos e interagindo com as outras crianças. Alice havia se mostrado muito quieta, mas aos poucos ela foi se sentindo mais à vontade e também foi confiando mais no grupo.

Conseguimos acompanhar o desenvolvimento da Alice ao longo das oficinas. No início ela era muito tímida, não falava quase nada, mas fazia questão de participar de todos os jogos, até mesmo os jogos que ela precisava se comunicar verbalmente. Ao longo das oficinas conseguimos ver seu esforço e evolução, tanto na questão da timidez, quanto na fala. Ela começou a se abrir mais e conversar conosco. Nas primeiras oficinas ela era muito retraída e interagia pouco com as outras crianças, mas ao longo dos meses ela foi se tornando amiga das outras crianças. Aos poucos foi deixando de participar das oficinas. Quando vamos a casa de acolhimento, a vemos por lá, brincando com novas amizades.

De acordo com Araújo (2018, p.52), “podemos perceber reflexos de processos emotivos estampados em posturas, atitudes, ações, movimentos e expressões do indivíduo. Essas manifestações de caráter contagioso, que muitas vezes apresentam sons ou ruídos, foram denominadas por Wallon como atividades “proprioplásticas”. Esse diálogo de formas

¹ Alice: nome fictício;

afetivas, que contagia o outro pelo tônus da expressão, diria pela “colonização das emoções”, é o que Wallon chama de “diálogo tônico”.”

Durante a realização das oficinas, percebemos que as crianças vivem um contágio de emoções na realização dos jogos. No caso de algumas crianças é perceptível a mudança de comportamento na realização dos jogos e participação da criança ao longo das oficinas. Inicialmente descrita como introvertida, ao longo do tempo, Alice demonstrou uma transformação significativa em seu comportamento. Percebemos que a sua mudança decorre da boa relação que ela começa a construir com outras crianças na Casa de Acolhimento, à medida que vai experimentando, ela está se soltando, sorrindo mais, falando de maneira mais expansiva, demonstrando entusiasmo pelos jogos e interagindo mais com as outras crianças.

A importância desse desenvolvimento é ressaltada pelo acompanhamento contínuo da evolução da criança ao longo das oficinas. Podemos perceber no desenvolvimento das crianças, não apenas a superação da timidez, mas também a conquista da confiança, deixando de ser uma participante silenciosa para alguém mais expressiva e aberta ao diálogo.

Araújo (2018, p.59) introduz a ideia de "diálogo tônico", na qual as emoções são expressas não apenas verbalmente, mas também por meio de posturas, atitudes, ações e expressões físicas. A evolução de Alice reflete esse conceito ao destacar as mudanças nas manifestações emotivas visíveis em sua interação. A transformação dela, desde a quietude inicial até se tornar uma participante ativa e envolvente, ilustra como o ambiente e as atividades podem influenciar positivamente o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Além disso, a observação de que Alice agora está brincando com novas amigas fora das oficinas sugere que as experiências positivas nas atividades propostas tiveram um impacto duradouro em sua vida social. Isso ressalta a importância de abordagens educacionais que vão além do desenvolvimento acadêmico, promovendo também a construção de habilidades sociais e emocionais essenciais para o bem-estar geral das crianças.

Dia: 16/06/2023, terceira oficina.

Jogos: Eu vou para a Lua, Ritmo em Círculo, Foto Dinamarquesa.

Descrição: No segundo jogo, Ritmo em Círculo, todas as crianças participaram, embora com um pouco de dificuldade em reproduzir alguns ritmos. Percebemos que algumas soltaram a imaginação e a criatividade ao criar, mas outras não sabiam muito bem qual ritmo novo fariam, mesmo dando algumas ideias, elas chegavam a reproduzir, mas rapidamente esquecem os movimentos que haviam feito. Percebemos então que deveríamos levar mais

jogos que trabalhassem a coordenação motora deles, pois mesmo tendo muita dificuldade em executá-los, eles ainda assim, se divertiram muito.

Foi nesta oficina, pela primeira vez que notamos que as crianças tinham dificuldade com jogos que envolvessem a coordenação motora. Esse momento de observação revelou a necessidade de incluir mais jogos que trabalhassem essa habilidade, uma vez que, apesar das dificuldades, as crianças ainda se divertiram bastante. Isso ressalta a importância do monitoramento contínuo e da adaptação das atividades às necessidades e habilidades das crianças. Identificar as áreas em que enfrentam desafios nos permite ajustar as atividades, garantindo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e assim reconhecer as dificuldades específicas das crianças e adaptar as estratégias para atender às suas necessidades, promovendo assim um envolvimento mais eficaz e prazeroso nas atividades propostas.

Dia: 30/06/2023, quinta oficina.

Jogos: Fila de 5 atores, Quantos Às existe em um A, As duas revelações de Santa Tereza.

Descrição: Observamos nesta oficina uma dificuldade das crianças em realizar jogos de memorização e ritmo, isso já havia sido percebido há algumas semanas, e desde então incluímos sempre um jogo da segunda categoria nas oficinas, para que eles possam praticar e desenvolver mais essa habilidade. Podemos dizer, então, que nesse jogo eles se saíram melhor que nos anteriores, principalmente porque já entenderam o que é um ritmo e tornou-se mais fácil criar um.

Percebemos que a dificuldade não estava limitada a um jogo específico, mas era uma questão mais abrangente. Diante desse entendimento, foi estabelecido o compromisso de sempre incluir jogos que pudessem trabalhar a coordenação motora e a memorização nas oficinas, visando proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento dessas habilidades. Essa abordagem prática e adaptativa contribui não apenas para superar obstáculos específicos, mas também para criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e enriquecedor.

Descrição: No dia 30/06/23, o terceiro e último jogo realizado foi “Duas revelações de Santa Tereza”. Explicamos o jogo e demos um exemplo. Algumas crianças foram muito criativas, enquanto outras pensaram em revelações parecidas ao exemplo que demos, esse foi o primeiro jogo que eles realmente pareciam muito animados e empolgados em participar, se soltaram bastante. No espaço em que estávamos, há um mini palco que as crianças quiseram utilizar para apresentar suas revelações. Elas gostaram muito de construir as cenas e as improvisações, se soltaram, fizeram encenação, fingiram quedas, desmaios... Um menino

revelou que era o homem aranha e seu pai era o batman, outro revelou que não era o irmão da dupla, mas um espião da CIA que estava espionando para descobrir se eles eram realmente irmãos ou não, algumas crianças revelaram que gastaram todo o dinheiro da irmã com doces, outras que derramaram café na roupa emprestada, etc. Somente uma criança, vamos chamá-lo de João, ficou com vergonha de fazer a encenação no palco, mas um colega se propôs a fazer a revelação por ele. João, havia passado por todo processo de criação da revelação, estávamos confiantes de que ele iria fazer a revelação, mas quando chegou sua vez, ele disse que não queria ir. Notamos que em vez dos demais colegas o pressionarem a ir, se ofereceram para fazer a revelação por ele, e ele concordou feliz.

Ficamos especialmente admiradas na realização desta oficina, em como eles conseguiram executar bem esse jogo, do começo ao fim. O trabalho em equipe que eles desenvolveram nesse jogo não estava só em aceitar as duplas que escolhemos, mas também nos pequenos detalhes como não rir da dupla que estava apresentando, aplaudir ao final, não fazer brincadeiras fora de contexto ou interromper os colegas, fazer um exercício de escuta e se colocar no lugar do próximo. A empatia de não forçar/pressionar o colega a participar, se voluntariando para ajudar foi uma iniciativa muito positiva deles para solucionar a dificuldade de um colega naquele momento. Esta solução e condução da interação pode ser multiplicada em outros contextos pelas crianças que participaram dos jogos.

Podemos observar que este foi o primeiro jogo em que as crianças demonstraram grande animação e entusiasmo em participar, assim como tiveram mais a iniciativa no decorrer do jogo. No espaço disponível, algumas crianças utilizaram um mini palco para apresentar suas revelações, envolvendo-se de forma criativa e expressiva. Podemos perceber na realização do jogo a diversidade das revelações, desde super-heróis até situações engraçadas do cotidiano, abordando pequenas situações problemas que não expõem problemas mais complexos, como muitas vezes é trazido nas improvisações de adultos, mas uma experimentação de seu protagonismo em pequenas situações nas quais se sentem no controle e que ainda é confortável abordar em público.

Andrade, Andrade e Leal (2019, p.309) destacam o valor do jogo como uma oportunidade para a socialização e o desenvolvimento de uma consciência crítica nas crianças, evidenciando não apenas a diversão proporcionada pelo jogo, mas também a observação atenta das interações sociais e das atitudes empáticas manifestadas pelas crianças. A participação ativa no jogo não apenas estimula a criatividade e expressão, mas também promove valores como respeito, cooperação e compreensão mútua, contribuindo para o amadurecimento e formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

Dia: 04/08/2023, sétima oficina.

Jogos: Dança das cadeiras, Quem disse “Ah”? e O Cacique

Descrição: O primeiro jogo foi “Dança das cadeiras”. Ao longo dele, percebemos que as crianças se divertiram bastante e o realizaram corretamente. Somente ao fim tivemos que separar uma briga entre dois meninos que são muito amigos, vamos, mas que brigam bastante e são agressivos um com o outro, chama-los de Caio² e Lucas³. Os dois haviam ficado por último na rodada e disputaram a única cadeira que restava. Como quem sentasse seria o ganhador, eles se mostraram bastante competitivos e queriam a todo custo a cadeira para si.

Nessa oficina observamos brigas constantes entre Caio e Lucas. As brigas sempre começam do mesmo jeito, brincadeiras de luta que viraram briga. Este foi um desafio para contornar, algumas vezes ocorrem interações pontuais entre as crianças que se destacam da dinâmica do grupo. Procuramos minimizar essas interações pois caso elas se desenvolvam durante a realização da oficina, fica inviável a aplicação dos jogos. Aqui podemos perceber como a realização das oficinas enfatizam mais as atividades coletivas e colaborativas e minimizam as problemáticas individuais entre as crianças. Pela própria dinamização e natureza da atividade, a ênfase recai sobre a interação e a formação do grupo.

Descrição: No último jogo, “O Cacique”, três crianças já haviam se dispersado e deixado a oficina, uma delas era Caio. Na hora de organizar quem seria o cacique, os dois voltaram a brigar e ele resolveu se retirar. Para fazer o movimento de círculo do cacique foi mais difícil pois o conflito entre essa dupla impactou em todo grupo, só restando duas crianças para isso, então tivemos que participar também do círculo para conseguir realizar o jogo. A criança voluntária achou muito fácil descobrir quem era o cacique, justamente por ter menos pessoas.

Em quase todas as oficinas que esses dois amigos participavam, sempre acabava assim, com algum deles chorando. Este foi um desafio para nós como aplicadoras dos jogos, percebemos que dinâmicas externas que são especialmente difíceis precisam ser trabalhadas individualmente, pois durante a oficina se torna difícil mediar os conflitos entre as crianças.

Dia: 11/08/2023, oitava oficina.

Jogos: O urso de Poitiers, A orquestra e o regente, Contar sua própria história

² Caio: nome fictício;

³ Lucas: nome fictício;

Descrição: Contar sua própria história foi o terceiro jogo. A primeira criança contou que um dia ele e o amigo resolveram fingir que caíram em um buraco e pedir socorro para ver se alguém os ajudariam. Uma pessoa apareceu e socorreu eles, logo após saíram correndo. Os outros dois meninos conseguiram encenar a cena relatada pelo primeiro participante e a cena foi aprovada pela criança que a contou. A segunda criança contou que estava em casa, começou a espirrar muito e foi para o hospital. Lá, ele foi medicado e voltou para casa. Mais uma vez, as outras crianças conseguiram encenar a situação relatada. A terceira história foi contada por, vamos chamá-lo de João⁴. Quando começamos a dar os comandos deste jogo, percebemos que ele já estava bem nervoso. Não queria participar, dizendo que não conseguiria. Orientamos ele a ficar e observar como o jogo funcionava. João estava com muito medo de fazer alguma coisa errada, mas mesmo assim concordou em continuar e participou das encenações. Na sua vez de contar a história, ele lembrou do dia no qual foi mordido por um cachorro quando estava na casa em que sua mãe trabalhava. Ele ficou muito triste, mas sua mãe o acolheu. Todos encenaram seu relato e ele ficou muito feliz por terem conseguido.

Essa era a terceira oficina que João participava, mesmo muito tímido, ele continuou participando de todas as oficinas desde então. Conseguimos ver ao longo das oficinas o desenvolvimento dele em relação a sua timidez. Nas primeiras vezes, o medo de errar o fazia ficar sem voz e imóvel, percebemos que ele congelava e se recusava a participar com as outras crianças. Todos conseguiam ver o tanto que ele estava com medo e não o forçaram a participar. Essa condução, que era nossa premissa, passou a ser a premissa do grupo e sempre que uma criança se integrava nas oficinas ela poderia passar o tempo que fosse necessário sem participar até se sentir à vontade. João, mesmo com muito medo conseguiu contar seu relato e se soltar um pouco mais. Para nós essa foi uma grande evolução.

Ao poder se expressar com maior liberdade e aceitação, a criança pode “descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.)” (BNCC, 2017, p.203) e assim descobrir-se outra criança, com outros potenciais e características.

Podemos perceber que João, inicialmente muito tímido, foi experimentando atuar nas cenas. No início, ele demonstrava grande inibição e medo de errar, chegando a travar em situações anteriores. Porém, ao longo das atividades, houve um desenvolvimento visível da sua expressividade. Na vez dele de compartilhar, ele recordou um episódio em que foi

⁴ João: nome fictício;

mordido por um cachorro, um momento que o entristeceu profundamente. Mesmo com receio, ele concordou em participar da encenação. As outras crianças conseguiram representar bem a história, proporcionando-lhe uma sensação de satisfação e alegria por terem retratado seu relato. Ele pode receber também a empatia do grupo, a confirmação do seu sentimento de tristeza e revolta por ter sido machucado. As crianças reconheceram seu medo e que os adultos deveriam cuidar melhor das crianças.

Segundo Andrade, Andrade, Leal (2019, p.308) “o sentimento de segurança e confiança despertado nos alunos permite que estes participem quando em sala de aula, uma vez que podem ser quem são quando não há o sentimento de medo no processo em que estão envolvidos.”

A relevância destacada no relato se concentra na evolução de João, principalmente em relação à sua timidez. O relato ilustra a jornada dele desde o início das oficinas, quando sua timidez era marcante e o medo de errar o deixava imóvel e sem voz. Podemos perceber a importância do sentimento de segurança e confiança para a participação das crianças nos encontros, refletindo diretamente no ambiente construído durante a realização das oficinas.

Essa evolução é um reflexo do ambiente acolhedor e encorajador das oficinas, onde o espaço seguro permitiu que ele compartilhasse um momento difícil de sua vida, superando o medo de errar e se expressar. A participação ativa e a representação de sua história por parte das outras crianças contribuíram para sua autoconfiança e aceitação, mostrando a importância do apoio mútuo e do ambiente propício para o desenvolvimento emocional e social das crianças.

Dia: 18/08/2023, nona oficina.

Jogos: Eu vou para a lua, Desmaio de Frejus, Teatro Fórum

Descrição: Neste dia apenas 4 crianças quiseram participar, as mesmas da semana anterior. O local em que sempre fazemos a oficina estava interditado devido às várias reformas que estavam fazendo no local. Tivemos então que fazer os jogos ao ar livre, inicialmente eles acharam que não seria uma boa ideia, por ser um local aberto, mas ao final, questionamos se eles gostaram da oficina ao ar livre e todos disseram que sim, pois o vento amenizou um pouco o calor. Porém, ao decorrer da oficina, eles pareciam ter ficado um pouco incomodados com a circulação de pessoas no local em que estávamos.

Por muitas vezes a pouca quantidade de crianças foi um empecilho para uma oficina bem sucedida, pois alguns jogos não funcionam bem com poucos participantes e aos poucos tivemos que nos adaptar a isso. Outra questão é a respeito do local, em algumas oficinas não

conseguimos ficar no mesmo lugar de sempre e isso acabava dificultando a aplicação dos jogos, pois dependendo do novo ambiente as crianças ficavam mais tímidas e reclusas, por sempre ter circulação de pessoas. É importante ter um espaço mais reservado para que as crianças se sintam em um ambiente protegido para arriscar a construção de cenas mais sensíveis e a expressividade em um ambiente que elas já sabem que não serão criticadas ou ridicularizadas. Esta condição para realização dos jogos é intencionalmente construída com as crianças e qualquer manifestação de criticidade ou ridicularização é pontuada pelas pesquisadoras para que as crianças identifiquem este espaço como seguro para se expressar.

Descrição: Na aplicação do Jogo “Teatro Fórum” pedimos para que todos sentassem em círculo para explicarmos como seria o último jogo. Relembramos com eles como havia sido a segunda parte do primeiro jogo, Eu vou deixar na Lua, e todas as coisas que eles haviam citado. Propomos então para que escolhessem em conjunto apenas um dos problemas. Eles decidiram sozinhos que iriam fazer o jogo Adedonha Americano, nesse jogo todos colocam números nos dedos, somam e contam na roda um por um, o último é o escolhido. O problema sorteado foi Fome no mundo. Com o problema escolhido, explicamos como funcionava o jogo do Teatro Fórum. O primeiro a levantar a mão para se voluntariar, para nossa surpresa foi João. Foram dois voluntários e eles criaram a seguinte cena: Uma criança estava na rua e com muita fome, seus pais haviam morrido e ela não tinha mais ninguém no mundo. Um homem aparece e diz no pensamento "como vou ajudar ela?". Nesse momento uma das crianças levanta a mão e diz que pensou em uma solução e entra na cena e dá dois pães para a criança. A última criança que ainda não tinha entrado na cena diz que isso não vai solucionar o problema, pois em pouco tempo ela vai ficar com fome de novo. Todos concordam e começam a pensar em uma nova solução. Um diz que deveriam levar a criança para um orfanato e entra em cena, porém a criança diz que não queria ir de jeito nenhum, diante disso todos os outros atores se frustram e saem da cena dizendo que ela não devia ter tido aquela reação. Fizemos então uma pergunta para eles, "por que vocês acham que ela teve essa reação?", eles começam a debater sobre a pergunta e chegaram a conclusão de que no lugar dela eles também ficariam com medo, já que um estranho chegou querendo levar ela para um lugar que ela nunca foi. João diz que por precaução deveriam chamar a polícia. Montaram a cena de novo, do início, agora com um policial que acompanhou o rapaz a levar a menina ao orfanato. Ao final ainda acrescentaram que o orfanato seria a própria Casa de Acolhimento, pois lá tinha uma casa, comida e muitas crianças para brincar.

Dois pontos muito importantes chamaram a atenção neste encontro. O primeiro é da participação espontânea do João, que ficou muito animado com a ideia do jogo e foi o primeiro a se voluntariar, até então ele nunca tinha tomado uma iniciativa antes, e não só nós como as outras crianças também ficaram impressionadas com a assertividade como ele se colocou. O segundo ponto é: que interpretação brilhante das crianças! Eles pensaram em um problema para a cena, um problema não muito longe da realidade. Pensaram em soluções para acabar com o problema, mas perceberam que a solução era momentânea e que precisavam de uma solução a longo prazo. Depois de muito debaterem pensaram na melhor solução que para eles fazia sentido, pois também era algo que não estava muito longe de suas realidades, a própria Casa de Acolhimento. E ao final, saber como eles enxergam a casa de acolhimento, como um lugar que os acolhe, um lugar seguro não só para eles mas para todos. Acreditamos que tanto o resultado do teatro fórum quanto a representação da casa de acolhimento como um local seguro se deve a um processo de construção humanista e respeitosa com as crianças. Reconhecer o resultado do trabalho a partir de relatos positivos das crianças também é importante para a continuidade do trabalho.

Percebemos aqui a importância do teatro como meio de aprendizagem sócioemocional, destacando a relação entre jogos teatrais, expressão, compreensão do corpo, diálogo e construção coletiva. O teatro emerge como uma ferramenta que não apenas proporciona expressão artística, mas também promove o desenvolvimento emocional e a reflexão crítica sobre questões sociais.

“O cruzamento entre a aprendizagem socioemocional e o teatro pode ser exemplificada nos jogos e processos de criação de cenas ou improvisos teatrais, sejam eles individuais ou coletivos: aprender a entrar, estar e sair de cena; a perceber o seu próprio corpo e em relação com os corpos dos colegas; a falar para ser compreendido e ouvido; a olhar nos olhos do outro; a sentir a sua própria respiração; a expressar as suas opiniões e a respeitar a do outro; a discutir e ler uma cena de teatro e a relacionar com as diferentes leituras de mundo; perceber a importância do estar em coletivo, levando em consideração que o teatro é a arte que exalta a força do estar junto, construindo novas formas de ser e estar no mundo.” (SILVA, 2021, p. 23, 24)

Neste encontro, destacamos a experiência com o jogo "Teatro Fórum", em que as crianças escolheram o problema da fome no mundo para abordar em uma cena teatral], desenvolveram um debate e alternativas para solucionar o problema, no alcance que naquele

momento elas tem para propor alternativas, a partir de sua experiência e compreensão de mundo. O protagonismo construído durante o percurso é um resultado positivo da relação deste projeto na Casa de Acolhimento, pois observamos que, durante a explicação do jogo, uma criança que inicialmente se sentia tímida surpreendeu ao ser a primeira a se voluntariar, demonstrando uma iniciativa inédita, explicitando um problema comum e propondo alternativas.

Para Mota (2021, p.20) “Ao libertar a criatividade promovida pela brincadeira e dramatização, o teatro colabora para a humanização do indivíduo, aumenta a sua sensibilidade e promove a reflexão sobre os sentimentos e comportamentos dos alunos atores que vivem no papel.” Esse fato evidencia o potencial do teatro como ferramenta de estímulo à participação e expressão individual. Em segundo lugar, destaca-se a qualidade da interpretação das crianças, que não apenas abordaram um problema real, mas também apresentaram soluções e discutiram suas repercussões.

A discussão e as tentativas de solução revelaram uma compreensão aguçada das complexidades do problema, como a precariedade de soluções pontuais, o sentimento de desproteção social, os riscos da rua, a vulnerabilidade na relação com adultos abusadores, os espaços reconhecidos como seguros. A reação negativa da criança ao ser sugerido ir para um orfanato gerou um debate entre os participantes, culminando na decisão de chamar a polícia como medida de precaução e mediação para que a criança não ficasse sujeita a mais um risco do que a uma solução.

Dia: 01/09/2023, décima oficina.

jogos: O movimento que retorna, Ritmo com diálogo, Mímica

Descrição: Uma observação importante é que as crianças estavam muito agitadas, o local que costumamos fazer as oficinas ainda estava interditado então tivemos que fazer na área externa, debaixo de uma sombra. Estava muito quente, e por vezes os meninos ficaram dispersos, distraídos com sementes de frutos, bolinhas de borracha, e com as pessoas que passavam por ali. Mais uma vez o local foi um problema para a oficina.

Dia: 20/10/2023, décima segunda oficina.

Jogos: Corrida em câmera lenta, Ritmo em Círculo, Homenagem da Magritte.

Descrição: Gostamos de levar jogos de ritmo e que estimulem a coordenação motora e a atenção, pois eles se sentem desafiados e estimulados a tentar corresponder aos ritmos e ajudar uns aos outros. No início das oficinas percebemos que eles tinham muita dificuldade

em jogos de ritmo, e conseguimos perceber neste encontro que durante este processo houve uma grande evolução na realização dos jogos, compreensão do ritmo e no apoio que cada um consegue dar aos outros participantes. Eles continuam dizendo que jogos de ritmo são muito difíceis, mas são nesses tipos de jogos que eles mais se concentram, fazem várias tentativas sem desistir e se ajudam bastante. Mesmo com três outras crianças não participando e tentando chamar a atenção dos demais, o grupo conseguiu concluir o jogo.

Essa evolução nas habilidades motoras e de concentração evidencia o impacto positivo dos jogos propostos nas oficinas considerando questões motoras e de aprendizagem de outros elementos estéticos do teatro. Além disso, a disposição das crianças em persistir, fazer várias tentativas e se ajudar mutuamente demonstra não apenas o desenvolvimento técnico, mas também a promoção de valores como cooperação e resiliência durante as oficinas.

Descrição: Após a realização da oficina, tivemos um conflito no grupo. Pouco tempo depois do penúltimo jogo, quando já íamos dar início ao terceiro jogo, a criança que estava com o olho roxo chutou um dos colegas, sem motivo, ele não revidou mas ficou bastante chateado com a situação e disse algo que nos chamou a atenção, ele falou para nós “Eu não sei porque ele fica me tratando desse jeito aqui, quando voltamos de ônibus juntos ele é tão legal comigo, só aqui que ele é assim”. Essa mesma criança que bateu nele, Lucas, bateu em uma outra criança que chorou, mas parecia não querer culpá-lo do ocorrido.

A criança com o olho roxo e a mesma criança que brincava de luta com o amigo nas outras oficinas, e a criança que foi machucada por ele e não quis culpá-lo pelo ocorrido e o amigo. Tentamos conversar com ele, mas nesse dia ele estava com os mesmos comportamentos agressivos, porém mais recluso, ao ser questionado sobre o olho ele disse apenas que era uma “longa história”. Não sabemos se o machucaram na casa de acolhimento, na escola ou em casa. Notamos que o olho estava bem roxo, e deduzimos que uma criança não teria força para tanto.

Esse encontro mostra um momento delicado durante as atividades. Lucas demonstrou comportamentos agressivos sem motivo aparente, o que causou um conflito entre os amigos e muito desconforto no colega que foi atingido. O fato de o menino agredido expressar sua frustração e mencionar que o comportamento agressivo ocorre apenas durante o tempo na instituição, contrastando com a postura amigável no ônibus, ressalta a complexidade dessas interações.

Nesse contexto, Araújo (2018, p.51) destaca que “assim como a emoção pode resultar em processos de “contágios proativos”, também podem detonar no sujeito estados de angústia e irritação. Para isso, é importante a compreensão das estruturas mentais, no sentido de empreender ações para retomada dos mecanismos de autocontrole em situações de fragilidade emocional.”

A abordagem cautelosa ao lidar com essas situações é fundamental para compreender e ajudar as crianças a desenvolverem mecanismos de autocontrole em situações de fragilidade emocional.

É importante estar atento a sinais de desconforto emocional e fornecer um ambiente seguro para que as crianças expressem seus sentimentos, promovendo uma abordagem que estimule o diálogo e a compreensão mútua. No entanto, observamos que durante a realização das oficinas é importante falar sobre essas questões e possivelmente em futuros trabalhos nesse sentido, criar espaços individualizados de escuta para que essas situações sejam trabalhadas com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da aplicação dos jogos do teatro do oprimido e da escuta ativa revelou que é crucial proporcionar um espaço seguro no qual as crianças se expressassem e explorassem suas emoções, às atividades variadas envolvendo aspectos corporais, verbais e imaginários. O uso dos jogos demonstram ser eficazes na mobilização de habilidades sociais, como empatia, trabalho em equipe e resolução de conflitos.

A adaptação do Teatro do Oprimido no contexto das Casas de Acolhimento, mesmo não sendo inicialmente concebido para crianças, se mostrou bem sucedido. O planejamento e avaliação semanal das oficinas permitiu ajustes contínuos, levando em consideração a dinâmica do grupo e os objetivos do projeto de extensão culminando nesta pesquisa. Além disso, a escassez de pesquisas nessa área nos mostra a relevância deste estudo, pois em outros contextos o uso de jogos nesta metodologia de trabalho tem recebido feedbacks valiosos para multiplicadores do Teatro do Oprimido, educadores e profissionais que trabalham com crianças.

A compreensão mais aprofundada das relações entre os jogos aplicados e as habilidades presentes durante as atividades contribuíram para a disseminação do Teatro do Oprimido como uma abordagem educacional eficaz, ao promover ambientes que valorizam o crescimento pessoal, emocional e social das crianças. Esta pesquisa visa inspirar práticas

educacionais mais abrangentes e sensíveis às necessidades individuais de cada criança e pensar novas formas de abordagem durante a realização das oficinas.

Em última análise, os resultados deste estudo oferecem uma base para futuras pesquisas e incentivam a continuidade da aplicação do Teatro do Oprimido como uma poderosa ferramenta de desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais na infância. Ao reconhecer o potencial transformador desta abordagem, espero contribuir para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos, colaborativos e enriquecedores para as crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, G.; ANDRADE, G. C. de; LEAL, A. L. Educação emocional no ensino infantil: uma perspectiva a partir do lúdico no teatro do oprimido de Augusto Boal. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. p.297–316, 2019. DOI: 10.18764/2358-4319.v12n1p297-316. Disponível em: <https://periodicos.eletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/10757>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino do teatro**. Campinas: Papyrus, 2001.

MOTA, H. de. F. S. **Teatro e autoconhecimento**: desenvolvendo saberes pessoais na educação básica. 2021. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Cênicas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/33062>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ARAÚJO, Maria de Fatima. Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 340-355, 2012.

ARAUJO, Lindomar da Silva. **Teatro do Oprimido e projeto de vida: perspectivas emancipatórias**. 2018. Dissertação de mestrado na área de ensino de teatro. — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MANSOURI, Ali. O Mecanismo da Empatia no Teatro Fórum. **Pedagogy and Theatre of the Oppressed Journal**, v. 7, n. 1, p. 14, 2023.

SANCHES, Maria Jade Pohl; DO BONFIM, Fernando Russo Costa; REIS, Gabriel Veras. Empoderamento através do teatro do oprimido: reflexões e conscientização socioeducativa. **Revista Transmutare**, v. 8, 2023.

SISTO, B. T.; DE CARVALHO, M. B. O teatro imagem como ferramenta de autoconhecimento: uma proposta para alunos universitários. **Olhares**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 24–31, 2019. DOI: 10.59418/olhares.v6i1.83. Disponível em: <https://www.olharsceliahelena.com.br/olhares/article/view/83>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, Lucas Maciaseki da. **A aprendizagem socioemocional na aula de teatro**. 2021. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em teatro). Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 17–21.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1398, 2020. DOI: 10.34019/2237-9444.2020.v10.31559. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017. p. 203.